

EVIDÊNCIAS SOCIETAIS DO FALAR RORAIMENSE NAS REDES SOCIAIS: UMA ANÁLISE DA PÁGINA SOUTH CITY DOS MEMES

<https://doi.org/10.29327/210932.12.1-23>

Marcus Garcia de Sene
Universidade de Pernambuco, Departamento de Linguística e Práticas de Ensino,
Garanhuns, Pernambuco - Brasil
marcus.sene@upe.br
<https://orcid.org/0000-0002-2715-5294>

Larissa Bezerra Chaves
Universidade Federal de Roraima, vinculada ao Laboratório Imprimatur, Boa Vista -
Brasil
lalabchaves@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0005-2387-4215>

Eliabe dos Santos Procópio
Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Letras Vernáculas, Sergipe - Brasil
eliabeprocopio@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0002-9766-1686>

RESUMO: Objetivamos com esta pesquisa analisar a variedade dialetal de Roraima sob a ótica dos próprios residentes da região. Para isso, este estudo coletou algumas postagens da página de Instagram South BV City, em que se manifestam evidências societais, que são pistas linguísticas apontadas pelos seguidores como caracterizadoras do falar roraimense, bem como suas reações subjetivas sobre a existência (ou não) de um sotaque da região. Evidências societais é um conceito proposto por Garret, Coupland e Williams (2003), que significa os metadiscursos realizados por não especialistas acerca de usos linguísticos. Os resultados mostram que (1) os roraimenses possuem sotaque e isso fica saliente quando os referidos moradores entram em contato com outras variedades dialetais; (2) em vários comentários, o dialeto de Roraima é apontado como derivado de outro dialeto ou da mistura entre outras variedades, o que converge para a história e constituição populacional de Roraima; e (3) os usuários avaliam que o falar roraimense se aproxima muito dos falares nordestino e nortista, e se distancia muito dos falares do Sul e do Sudeste.

PALAVRAS-CHAVE: Evidências societais. Roraima. Sociolinguística. Redes Sociais.

SOCIETAL EVIDENCE OF RORAIMA SPEECH ON SOCIAL MEDIA: AN ANALYSIS OF THE INSTAGRAM ACCOUNT "SOUTH CITY DOS MEMES"

ABSTRACT: The present research aims to analyze the dialect spoken in the Brazilian Northernmost state of Roraima as perceived by its residents. Societal evidence was extracted from the Instagram account South BV City dos Memes (@southbvcitydosmemes), with a view to examining the linguistic items acknowledged by followers as characterizing Roraima speech, as well as their subjective reactions to the existence (or not) of a regional accent. Results show that (1) the people from Roraima have an accent, and this becomes more evident when they come into contact with other dialectal varieties; (2) in several comments, the dialect of Roraima is pointed out as derived from or as a mixture between other varieties, which draws upon the history and population constitution of Roraima; and (3) users assess that Roraima's speech is very close to Northeastern and Northern speech, and more distanced from Southern and Southeastern speech, which confirms the hypothesis that Roraima speech results from accommodation between four main dialect matrices: Amazonas, Pará (Northern Brazil), Ceará and Maranhão (Northeastern Brazil).

KEYWORDS: Societal evidence. Roraima. Sociolinguistics. Social media.



INTRODUÇÃO

Roraima é um estado que se situa na Região Norte do país, ocupando a posição mais setentrional da federação. Faz divisa com o Pará e com o Amazonas, e faz fronteira com a Venezuela e a República Cooperativa da Guiana. Ademais Roraima tem um histórico muito recente e atual com os povos indígenas e migrantes nacionais, configurando-se, portanto, como um cenário social e geográfico muito propício ao multilinguismo, ao bilinguismo e principalmente ao contato de línguas e dialetos.

Apesar dessa posição geográfica favorável ao contato de línguas, Roraima apresenta outra característica que é o relativo isolamento físico: suas divisas e fronteiras não implicam continuidade populacional, como ocorre em outros limites nacionais e internacionais do Brasil. Ainda hoje a ocupação do estado é bem esparsada, havendo uma grande concentração na capital Boa Vista.

A ocupação da região foi impulsionada por projetos de desenvolvimento regional, promovidos pelos diversos governos nacionais (imperial, militar e civil), como a construção do Forte São Joaquim (1775), a criação de fazendas de gado, os aldeamentos, o desmembramento do Amazonas, a criação do Território Federal do Rio Branco (1943) e a consecutiva mudança para estado federativo (1988), a construção de rodovias, a distribuição de terras e assentamentos rurais, o garimpo, dentre outras ações.

Numa linha cronológica, a década de 70 marca um grande salto no crescimento populacional, momento em que chegam ao então Território do Rio Branco cerca de 11.729 migrantes, número que quase triplica no final da década seguinte, chegando a 33.086 imigrantes. Por fim, o recorde migratório se deu no final dos anos de 1990, quando outros 45.491 imigrantes se deslocaram para o estado, advindos em grande parte do Amazonas, do Maranhão, do Ceará e do Pará (Diniz, 2008).

A região em questão também conta com inúmeros povos indígenas, sendo a maioria vinculados à família linguística caribe (macuxi, taurepangue, ingaricó, uaiuai, patamona, wamiri-atroari e iecwana), aruaque (uapixana) e outras isoladas, como é o caso dos ianomami (Mesquita, 2020, p. 51).

O censo IBGE de 2020 atesta que Roraima é o estado que apresenta a maior taxa de crescimento populacional (3,41%), sendo que a média nacional é de 0,7%. Uma das explicações para esse número é o êxodo venezuelano, causado pela crise político-econômica no país vizinho. Roraima é o estado que mais recebeu venezuelanos¹, o que modificou a paisagem linguística da capital com destaque à presença do espanhol (Mendes, 2024).

Apesar de Roraima configurar-se como um espaço propício a investigações dialetológicas e sociolinguísticas, escasseiam as pesquisas que tratam, em específico, do falar roraimense com vistas a caracterizar a variedade dialetal da região², no sentido de ter uma fotografia sociolinguística e sistematizar os padrões linguísticos daqueles falantes

1 Conforme reportagem do G1-RR: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/08/27/impulsionado-pela-migracao-de-venezuelanos-roraima-tem-maior-crescimento-populacional-do-pais.ghtml>.

2 Nos últimos anos, tem surgido empreitadas científicas alinhadas a projetos nacionais, como o PHPB e o Atlas Linguístico de Roraima, que são desenvolvidos por membros do Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociolinguísticas de Roraima - NEPSol-RR (UFRR).

que se mudaram para o estado ou são nativos, nascidos em Roraima e/ou possuem suas raízes geracionais estabelecidas em longas datas.

Ainda que escassa a descrição linguística sobre o português local; são produtivas as pesquisas sobre o contato linguístico envolvendo o português, o espanhol, as línguas indígenas e as línguas de sinais brasileira e venezuelana na região, a exemplo de Rodrigues (2013), Araújo e Bentes (2018), Mesquita (2020), Mota (2013 e 2020), entre outros.

Alguns desses estudos indicam a relação dialetal entre o falar roraimense e o de outras regiões brasileiras: “Percebe-se inegavelmente uma semelhança com o falar maranhense, e isso sem dúvida, pela presença marcante de maranhenses no estado” (Araújo, Bentes, 2018, p. 587). Procópio (2021) e Procópio e Silva (2022) são mais diretos ao afirmar que as matrizes dialetais do português falado em Roraima advêm do Norte (em especial, Amazonas e Pará) e Nordeste (em especial, Maranhão e Ceará). Essa hipótese tem por base dados históricos e censitários, e a identificação associativa de elementos lexicais locais desses estados.

Diante desse cenário, surgem algumas das indagações que dão corpo ao projeto de pesquisa Retratos Linguísticos de Roraima (PV7238-2021 PRPPG/UFRR)³, ao qual este estudo se vincula. As indagações são “como os falantes roraimenses efetivamente falam” e “como eles ‘acham’ que falam”.

O projeto em questão visa suprir a lacuna de pesquisas presentes na região de Roraima, em especial na capital Boa Vista, ao buscar a descrição do português boavistense à luz de quatro perspectivas: (i) a constituição de um corpus histórico do século XVIII, (ii) a descrição histórica da toponímia local, (iii) a produção sociolinguística dos falantes (léxico regional e usos linguísticos) e (iv) as avaliações subjetivas, percepções sociolinguísticas e atitudes linguísticas sobre o próprio falar e o falar do outro.

A presente pesquisa adota uma perspectiva sociolinguística, por perfilar o princípio da relação intrínseca entre língua e sociedade, e se insere na perspectiva do estudo de avaliações subjetivas, estabelecendo duas perguntas sobre o falar roraimense, são elas: o roraimense tem sotaque, e quais são as características linguísticas que identificam o falar da região.

A investigação desses questionamentos opta por analisá-los na ótica dos próprios roraimenses, e o locus da coleta dos dados é a página do Instagram ‘South City dos memes’ (@bvcitydosmemes). Nela, são recorrentes postagens em que se discute a possível existência de um sotaque roraimense, ou seja, são interações ordinárias em que leigos apresentam opiniões linguísticas sobre a existência de um dialeto roraimense. Nesse ambiente virtual, as páginas locais de humor se destacam por suas postagens públicas referentes a esse questionamento, cujos webcomentários acabam configurando-se como evidências sociais, que são enunciados linguísticos que funcionam como índices para caracterização das percepções, das crenças e das atitudes dos falantes sobre o próprio modo de falar (Garret, Coupland, Williams, 2003).

³ Este projeto encerrou sua validade e teve a continuidade de sua agenda no projeto ‘Descrição e História do Português de Roraima’ (PVO546-2023), vinculado ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima.

O objetivo deste trabalho é acessar as percepções dos roraimenses, com base em evidências societárias extraídas da página de Instagram South City, e caracterizar as pistas linguísticas apontadas pelas pessoas locais como sendo caracterizadoras do modo de falar roraimense. Essas evidências são fundamentais para o retrato linguístico da região, uma vez que a pesquisa sociolinguística busca captar não apenas as correlações entre os fatores linguísticos e sociais com base na forma como os falantes produzem a língua, mas também busca descrever como os falantes interpretam e avaliam os usos linguísticos.

UMA SOCIOLINGUÍSTICA PARA ALÉM DA VARIAÇÃO

Durante muito tempo, a investigação da relação entre língua e sociedade na Sociolinguística, concentrou-se na análise dos usos linguísticos concretos inseridos e influenciados pelo contexto social de uso e por fatores internos da língua, da qual faz parte, de forma sistemática e funcional, a variação linguística. Essa abordagem ficou conhecida como sociolinguística variacionista e, a partir de um método científico bastante rigoroso, perfilou padrões internos e externos de variação em diferentes comunidades linguísticas do mundo. No entanto, não só a variação linguística é o foco da Sociolinguística, outras preocupações como o contato entre línguas, fatores multilinguísticos, questões sobre estigma e prestígio de formas linguísticas fazem parte dessa área do conhecimento, cuja marca é a interdisciplinaridade.

Com o avanço das pesquisas sociolinguísticas, os interesses de investigação dessa grande área ampliaram-se para além dos estudos que visam correlacionar a produção linguística dos falantes a condicionadores internos e externos à variação. Atualmente, as pesquisas tendem a incluir a compreensão do significado social da variação linguística⁴ e das formas linguísticas que não estão em variação, contemplando, atualmente, novos métodos e novas hipóteses. Tais avanços popularizaram a publicação do estudo programático de Eckert (2012), que trata das três ondas da sociolinguística, além de estudos de percepção, atitudes e avaliação subjetivas publicados em periódicos nacionais e internacionais, a saber: Campbell-Kibler (2009), Oushiro (2015), .

Dentre essas novidades metodológicas da sociolinguística está a investigação de novos espaços como postagens em redes sociais, webcomentários, discursos metalinguísticos etc. Todos esses espaços possibilitam desnudar muito mais que a fotografia sociolinguística de uma comunidade de fala, eles possibilitam, então, conhecer a quais significados sociais algumas formas linguísticas estão vinculadas (Sene, 2022). Dentro da pesquisa sociolinguística, em sua maioria, os padrões internos e externos da variação linguística e os significados sociais dessa variação são caracterizados, dentro de uma comunidade de fala, pelo método entrevista sociolinguística, que foi proposto por Labov (1972). O modelo de entrevista em questão configura-se como um protocolo que conjectura emergir o vernáculo de um indivíduo representativo de uma dada comunidade de fala (Labov, 1972) e tem sido consistentemente utilizada e repensada até hoje.

4 A questão do significado social sempre esteve no cerne da pesquisa sociolinguística, ainda que nas primeiras pesquisas essa questão tenha se tornado um tanto quanto secundária – especialmente no Brasil com as pesquisas que buscaram a construção de *corpus* do Português Brasileiro.

Com base nessas entrevistas e na análise de uma amostra, os resultados de uma dada variável linguística são generalizados para o comportamento de uma comunidade de fala específica. No caso de Roraima, por exemplo, caso seja do interesse de algum pesquisador compreender um pouco sobre o comportamento variável da concordância verbal de 3ª pessoa do plural (3PP) na região, a orientação é que ele precisa iniciar com o protocolo de entrevista sociolinguística com base numa amostra de 24 falantes estratificados em sexo, escolaridade, idade etc.; depois, ele precisa analisar essas entrevistas em busca das variantes presença/ausência da concordância verbal de 3PP; e por fim, generalizar o comportamento que encontrou, com base em fatores internos e externos, a toda comunidade de fala roraimense.

Esse tipo de generalização possibilita a construção e a caracterização de diferentes comunidades de fala no Brasil, permitindo atestar, por exemplo, que os fatores internos e externos que frequentemente atuam no condicionamento da concordância de 3PP são quase sempre os mesmos na maioria das comunidades de falas urbanas já estudadas (cf. Vieira, 1995; Rubio, 2008; Lucchesi, Baxter, Silva, 2009; Gameiro, 2009; Oliveira, 2010; Monte, 2012, entre outros).

Com isso, novas hipóteses foram adicionadas ao estudo sociolinguístico, em especial àquelas correlações advindas dos estudos de primeira onda da sociolinguística, a saber: que quanto menor a escolaridade, maior a produção da variante não padrão da concordância verbal de 3PP, acabam por reduzir os sujeitos a categorias amplas e, por vezes, questionáveis como quanto menor a escolaridade maior a produção da forma não padrão. A essa altura, os significados sociais das formas linguísticas acabam sendo um objeto de especulação casual, mas não o ponto central a ser investigado dentro da área (Eckert, 2008; Sene, 2022).

O amalgamamento dos falantes de acordo com sexo e classe socioeconômica é produtivo para estudos que buscam a generalização dos padrões de variação em nível macrossocial, mas não é produtivo na investigação de significados sociais que estão associados às formas linguísticas, diz Sene (2022). Essas práticas metodológicas acabam por “homogeneizar uma ampla gama de usos, mascarando usos extremos, em qualquer uma das extremidades do espectro da variação” (Eckert, McConnell-Ginet, 1999, p. 194). Por esse motivo, o estudo sobre a heterogeneidade linguística deve incluir tanto como as pessoas efetivamente falam, quanto como elas percebem e interpretam o que está sendo dito (Berlinck, Brandão, Sene, 2020; Sene, 2022; Brandão, Sene, Biazolli, 2023) e, ainda, quais as reações subjetivas que os falantes possuem sobre as diferentes formas linguísticas, sejam elas formas padronizadas pelas gramáticas normativas ou não.

O projeto Retratos Linguísticos desenvolve sua agenda de pesquisa sobre o falar roraimense inicialmente com base nas percepções e avaliações sociolinguísticas dos falantes, considerando como eles acham que falam, dado que iniciar pela produção sociolinguística e a partir de variáveis já estudadas de forma ampla na literatura da área, não revelaria como os falantes se organizam socialmente e, sobretudo, não consideraria

aspectos importantes sobre a constituição de Roraima que é a questão da migração de outros estados para a região. A agenda do projeto de pesquisa Retratos começa pela construção de um corpus histórico do século XVIII, envolvendo também a identificação de léxicos regionais que caracterizam o falar da região e o reconhecimento de como os moradores da região acham que falam, a partir de estudos de avaliação subjetiva, percepções e atitudes sociolinguísticas. No futuro, esses resultados poderão ser cotejados com o que realmente os falantes usam quando os estudos de produção sociolinguística da região sistematizarem seus primeiros resultados⁵.

AValiação SUBJETIVA – PERFILANDO UM CONCEITO

Para a compreensão da língua para além do nível descritivo fornecido pela sociolinguística variacionista, um conceito importante é o de avaliação subjetiva. De modo geral, a questão sobre a avaliação é fulcral no seio da teoria da variação e mudança linguística, já que está diretamente associada a um dos cinco problemas elencados por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]): o problema da avaliação. Esse “problema” diz respeito à observação de quais são os correlatos subjetivos mobilizados pelos falantes/ouvintes acerca da variedade linguística compartilhada pelos membros da comunidade de fala, visto que essa pode contribuir de forma decisiva para a propagação ou interrupção de um fenômeno sociolinguístico.

A avaliação subjetiva pode ser entendida, então, como um produto dos julgamentos sociais que os falantes fazem sobre línguas, variedades linguísticas e formas linguísticas específicas. Através desses julgamentos, os falantes associam os usos linguísticos a diferentes valores, por vezes hierarquizando-os: por exemplo, um modo de falar X é “desagradável” e “feio”, enquanto o Y é “cantado” e “lento”, e o X, enfim, é “importante” e “agradável”. Os adjetivos em questão são significados sociais materializados nas avaliações subjetivas dos falantes. A avaliação subjetiva considera, então, duas dimensões formadoras: a “dimensão objetiva, que toma o fato linguístico como fonte reveladora do ato de avaliar (por exemplo, uma variante linguística); e a dimensão subjetiva, a qual toma como referência o falante (por exemplo, suas características sociodemográficas)” (Freire, 2016, p. 48).

O processo de avaliação subjetiva contribui não só para o processo de propagação de variação e mudança linguística, tal como indica o problema da avaliação (Weinreich, Labov, Herzog 1968), bem como colabora com o mapeamento dos significados sociais que estão associados às variedades, às línguas e às formas linguísticas. O significado social deve ser entendido como a informação social disponível na mente de qualquer falante ou ouvinte que esteja, de certa forma, ligada a um dado linguístico (Campbell-Kibler, 2009). Esses significados, quando associados a um dado linguístico, não são estáticos, ao contrário disso os significados sociais são potenciais (Silverstein, 2003; Oushiro, 2015;

⁵ Este é o caso do estudo de Sousa (2023), que estuda a variação da 2PS ‘tu’ e ‘você’ no falar roraimense.

Mendes, 2018; Eckert, 2008, Sene, 2022; 2023), o que significa dizer que esses significados podem ocorrer ou não a depender do contexto e da situação sociocomunicativa.

A compreensão da significação social envolve não a capacidade de desencadear mudanças radicais na estrutura social, mas sim, a partir dela, reconhecer os valores e os ideias que são transmitidos pela língua em uso, ou seja, o conteúdo ideológico que alicerça e constrói aspectos da realidade social. Esses significados sociais podem ser extraídos por meio de evidências sociais (Garret, Coupland, Williams, 2003) que nada mais são do que *insights* e associações estereotipadas que os falantes produzem sobre fatos ou conceitos linguísticos. A esse respeito, qualquer que seja o conteúdo que contemple uma visão sobre a língua, a variedade ou uma forma linguística “é um tipo de evidência social sobre a qual a sociolinguística deve se preocupar” (Sene, Biazolli, Brandão, 2022). Afinal, o conhecimento sobre a língua perpassa o uso efetivo dela, envolve também outros saberes populares que constroem significados sobre usos linguísticos.

A apreciação sociolinguística consciente ou inconsciente da língua em uso está vinculada à capacidade cognitiva do falante e, ao mesmo tempo, a alguns valores que são socialmente impostos pela escola e pelas grandes mídias, por exemplo. Todos os falantes possuem um conjunto de atitudes e sentimentos para com as formas linguísticas disponíveis no espaço social. Essas atitudes podem ser positivas ou negativas a depender da saliência das formas em avaliação, seja essa saliência motivada devido à força de prescrição normativa ou, ainda, considerando o fato de que a forma em apreciação é dialetalmente saliente (Freitag, 2020; Sene, Biazolli, Brandão, 2023).

O USO DAS REDES SOCIAIS EM PESQUISAS LINGUÍSTICAS

As redes sociais digitais⁶ apresentam os usos da língua nas mais diversas esferas de atividade humana. Nelas os usuários fazem postagens que variam conforme o grau de formalidade, a temática, o suporte (celular ou computador), dentre outros elementos. A instantaneidade advinda das redes sociais propicia um novo *ethos* (Lankshear, Knobel, 2007), ou seja, novas formas de manifestar, pensar e ser por meio da tecnologia. As redes sociais digitais, segundo Recuero (2009, p. 24), são como uma “metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores”.

Nelas, também é possível identificar os textos/discursos/enunciados como *corpus* importante para a investigação social e linguística, inclusive complementando a metodologia tradicional de coleta de dados orais para a pesquisa sociolinguística e dialetal. O uso das redes sociais digitais como fonte de dados para a pesquisa linguística não é novidade. Diversos autores têm se dedicado a pesquisas que se valem das redes sociais digitais, a saber: Freitas (2012), que descreve as marcas modais deônticas e epistêmicas à produção de efeitos de sentidos no gênero discursivo webcomentário; Balestero, Clempi

6 Redes sociais existiam e eventualmente existem à parte da Internet, de modo que se torna necessário especificar que aqui tratamos de uma espécie particular de redes sociais: aquelas que se formam, se mantêm e se propagam pela instrumentalidade das novas Tecnologias de Informação e Comunicação, em especial, através da Internet. (Bezerra, Pimentel, 2016)

e Costa (2020), que estudam os processos de formação de neologismos inseridos no meio digital Instagram; Brandão, Biazolli e Sene (2020), que investigam o preconceito linguístico com base nas publicações no Facebook da página LDRV; e nas pesquisas de Cruz e Procópio (2022), Procópio (2021) e Procópio e Silva (2022), que descrevem o léxico do português de Roraima.

Esta pesquisa adota uma página da rede social Instagram como contexto para sua coleta de dados, por identificar nela usos linguísticos próximos ao vernáculo, gerados pela interação mais relaxada entre seus interlocutores e por um debate metalinguístico feito por leigos: pessoas não especializadas que manifestam suas crenças e percepções sobre um perfil dialetal.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As imagens adiantes são ilustrações de postagens da página South BV City dos Memes, em que os administradores incitam a interação através de memes cuja temática é existência real ou fictícia de um sotaque roraimense, justamente as três postagens que ensejam a análise desta pesquisa:

Figura 1- Postagem do meme “Roraimense não tem sotaque”





Fonte: South BV City dos Memes – Twitter.

Ao todo, dos 352 comentários disponíveis, a pesquisa que dá origem a este texto se deteve em 249 que tratam da questão do sotaque, incluindo aqueles que apresentam respostas monossilábicas como ‘sim’, ‘não’ e ‘talvez’. Os comentários que apresentaram características linguísticas do sotaque roraimense foram caracterizados conforme o nível da língua (fonético-fonológico, morfológico, sintático etc.) e associações dialetais.

O mote para a construção desta pesquisa são dois questionamentos: (a) O Roraimense tem sotaque? e (b) Quais são as características linguísticas que identificam o falar da região? Para responder a essas perguntas, este trabalho coletou avaliações subjetivas gerais e as características linguísticas mencionadas pelos falantes de região a partir de publicações que circulam com frequência nas redes sociais digitais e envolve a temática do sotaque dos roraimenses.

A coleta de dados ocorreu na página a South BV City dos Memes (@bvcitydosmemes) no Instagram, que é uma das mais importantes de Roraima, pois tem o maior número de seguidores 29 mil e 2.543 publicações, e tem abrangência e reconhecimento na mídia oficial e local. Essa página publica memes constantemente que versam sobre a afirmação roraimense não tem sotaque), com o objetivo de buscar engajamento⁷ dos usuários, em forma de curtidas (*likes*) e webcomentários, o que numa comunidade virtual ocorre quando os interlocutores veem vantagem em estar ali, conforme Ziemath (2012).

Uma inspeção das 2.263 publicações identifica três publicações que tratam da questão do “sotaque roraimense”, o que reforça a ideia do engajamento mencionada acima, porquanto são as postagens com mais comentários e uma das temáticas mais repetidas pela página. Com isso, o *corpus* é composto dos comentários dessas três publicações. A primeira postagem é de 30/05/2021 e apresenta três perguntas relacionadas ao roraimen-

⁷ “o engajamento em uma comunidade virtual se dá quando o usuário vê uma vantagem em estar ali, ou seja, vê que terá algum ganho ou chance disso” afirma Ziemath (2012, p. 17).

se e uma delas direcionada ao sotaque, que teve 50 comentários e 997 curtidas. A segunda é de 10/09/2021, com 182 comentários e 1.778 curtidas; e a terceira é de 01/11/2021, com 120 comentários e 1.143 curtidas.

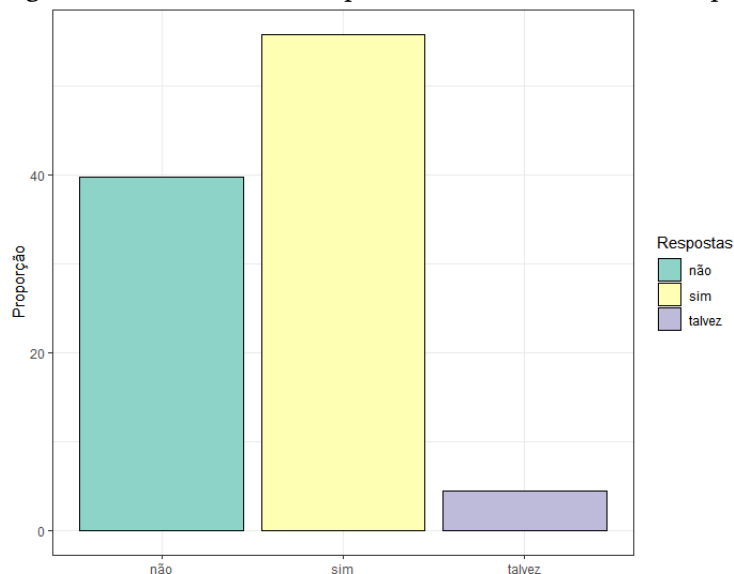
ANÁLISE E DISCUSSÃO

Quando se ouve uma pessoa, diferentes inferências automáticas são possíveis e, quase sempre, essas inferências acabam passando despercebidas. Nem sempre essas inferências são coletadas e a percepção sobre “como se caracteriza o modo de falar de uma região” acaba restrita às pesquisas desenvolvidas na busca de condicionadores internos e externos dos usos linguísticos de uma dada comunidade de fala. No entanto, a investigação da percepção, da avaliação e das atitudes sociolinguísticas dos falantes também é crucial na compreensão da variedade dialetal de uma região.

No Brasil, muitos dos falares regionais são caracterizados pela documentação sociolinguística e são associados também a traços linguísticos ou a características linguísticas específicas pelos não especialistas (falantes leigos), conforme Paveau (2020). No caso de Roraima, pouco se sabe sobre o falar local do ponto de vista da produção linguística, já que as pesquisas sobre essa temática apenas começaram a ganhar fôlego recentemente. No entanto, existem várias inferências e hipóteses sendo levantadas com base em como eles acham que falam a partir de publicações que circulam nas mídias sociais, como o Instagram.

Nesse cenário, esta pesquisa investiga nos webcomentários se os próprios roraimenses acreditam que possuem ou não sotaque. Dos 249 comentários, 139 (56%) deles afirmam positivamente que o roraimense tem sotaque sim; 99 (40%) alegam que não e, em suas respostas, associam o modo de falar local ao de outras regiões, isto é, não havia uma característica própria ao falar roraimense; e 11 (4%) não sabem dizer com exatidão e optam por modalizar com respostas como ‘talvez sim, talvez não’.

Figura 02 - Gráfico com as respostas sobre roraimense ter sotaque.



Fonte: elaboração própria.

Ainda que o número de usuários que aponta que o roraimense não tem sotaque seja expressivo, a maioria segue defendendo a existência de um modo de falar caracterizador da região. O sotaque é definido, por partes, por meio da percepção de um falante em relação à fala do outro. Para isso, acionam marcas articulatórias, segmentais e suprasegmentais. Nesse tal aspecto, muitos dos comentários (fig. 3) que declaram a existência de um sotaque de Roraima, justificam seu posicionamento pelo contato com o outro, o que reforça a percepção de que existe um sotaque regional, que é mais ou menos identificado tanto pelos moradores locais quanto pelos de outras regiões. Essa percepção dialetal pelo outro ocorre principalmente por meio de interações variadas, em que um dos interlocutores (quase sempre o que não mora em RR) aponta determinadas diferenças linguísticas, como ilustram as imagens adiante:

Figura 03 - Evidências sociais sobre o “sotaque” de Roraima.



Fonte: elaboração própria.

Do ponto de vista linguístico, não existe falante sem sotaque e, conforme orienta Chambers (1995), a pista sobre como se caracteriza um falar regional é um importante significado social, uma vez que este não é controlado conscientemente pelo falante e, sobretudo, torna-se um definidor desse indivíduo e de sua comunidade. O reconhecimento da existência de um sotaque na referida região pode indicar uma certa focalização dialetal (Le Page, 1980; Milroy, 1980), afinal dialetos são considerados focalizados quando sua percepção externa indica uma coesão entre o grupo: o falar “cantado” do mineiro, o “R” retroflexo do interior de São Paulo etc.

As evidências sociais coletadas por este trabalho mostram que as características linguísticas salientes para definir o dialeto de Roraima são do nível fonético, fonológico e lexical, todas no âmbito do contraste diatópico, estratégia sociocomunicativa usada pelos interlocutores.

O principal traço fonético percebido pelos seguidores da página como caracterizador da variedade de Roraima é o “chiado”. Em termos linguísticos, aquilo apontado como chiado pode estar relacionado à articulação fricativa e africada palatal vozeada [ʒ]/[dʒ] e desvozeada [ʃ]/[tʃ]. Apesar de recorrente a noção de “chiado”, os falantes não apresentam com clareza o que seria essa “chiar”. Alguns dos comentários apontam para

a pronúncia fricativa desvozeada [ʃ], indicando que o /s/, em alguns contextos de fala, “chiaria”, conforme mostra a figura adiante:

Figura 04 - Evidências sociais sobre a noção de “chiado”.



Fonte: Instagram BV South Meme City.

Uma das hipóteses levantadas no âmbito do projeto Retratos Linguísticos de Roraima é que esse tipo de articulação, em Roraima, seja motivado devido à forte influência das matrizes dialetais de outras regiões que compuseram o cenário roraimense, a saber: Amazonas, Pará, Ceará e Maranhão.

A influência de outros estados é uma questão que também foi alvo dos comentários dos usuários da página. Conforme a figura 5, alguns integrantes informam que a noção de chiado não era própria do roraimense “raiz”, com pais e mães roraimenses, enquanto outros destacam que o chiado ora é motivado, então, pelo fato de serem filhos de migrantes de outros estados ora porque o chiado roraimense é um tanto quanto próprio, diferente de outros estados.

Figura 5 - Evidências sociais sobre a origem do “chiado”.



Fonte: Instagram BV South Meme City.

Diante disso, será prudente que futuras pesquisas sobre a variedade linguística da região, acrescente como uma variável se os pais são oriundos de alguma outra região, ainda que os filhos tenham nascido e residido em Roraima. Afinal, para além da origem de migração dos pais, as redes sociais frequentadas por uma dada família também podem influenciar no modo como esse agrupamento social produzem algumas variantes linguísticas.

Outros traços linguísticos indicados pelos falantes como identificadores do modo de falar da região estão mais próximos de alguns traços fonológicos suprasegmentais, já que são fenômenos que ocorrem para além dos segmentos fônicos, como é o caso de associar o modo de falar da região como sendo acelerado, ríspido, ritmado, “demorado na articulação tônica”, simples etc. Esses traços representam, então, o conteúdo social que, devido ao imaginário social, está ligado no imaginário dos roraimenses, ao modo de falar da região, ou, mais especificamente, a como eles “acham” que falam. Essa conexão é própria da significação social e é potencial, podendo ocorrer ou não a depender de inúmeros fatores.

Figura 06 - Significados sociais associados à variedade roraimense.



Fonte: elaboração própria.

Para além desses significados sociais, informações lexicais foram apontadas como definidoras da variedade dialetal da região. Algumas dessas informações lexicais são pistas que podem identificar um vocabulário usado por falantes de outras regiões do Brasil e não apenas pelos moradores de Roraima, como é o caso de “mano”, “vei”, “mermo”. O fato dessas lexias representarem de igual forma outras regiões do Brasil, não altera o valor da regionalidade dos webcomentários, ao contrário disso confirma o pressuposto de que o falar roraimense é o resultado do contato e da acomodação dialetal de outras regiões do Brasil, em especial do Nordeste (Maranhão e Ceará) e do Norte (Amazonas e Pará). A figura 6 elenca alguns exemplos lexicais citados pelos comentaristas, que são compostos por lexias simples, compostas (como marcadores discursivos) e textuais (como expressões).

Este estudo reproduz os exemplos tal como se apresentam nos comentários. O propósito é ser fiel à grafia do comentário e, com isso, demonstrar a ocorrência de possíveis processos fonéticos, como o da própria variação linguística. Quando um usuário da língua grafa o advérbio ‘mesmo’ e troca a letra ‘s’ pela ‘r’, indica que a articulação não é alveolar, mas glotal, ou seja, indica a preferência por uma pronúncia aspirada, que é típica no falar nordestino (Rodrigues, 2013).

Além da aspiração das sibilantes (Má rapazzzz, Marrapá, Mermo homi, Ram e Rum), estão presentes outros processos variacionistas, como o uso de formas de tratamento (homi, rapaz, mano, maninho e parentezinho/parentin) e a concordância do pronome de 2ª pessoa do singular (2PS, tu) com o verbo conjugado na 3ª pessoa do singular (3PS).

Figura 07 - Itens lexicais mencionados nos webcomentários.



Fonte: elaboração própria.

A manutenção de um léxico que resulta de uma acomodação dialetal representa o valor social associado às respectivas variedades de contato, o que demonstra as reações subjetivas gerais dos roraimenses sobre o processo de constituição de um falar local (Santiago, 2017).

No conjunto das respostas, há comentaristas que apresentam suas justificativas com características linguísticas e estabelecem uma espécie de associação diatópica citando outros estados. Essa associação dialetal ocorre quando de viagem ou contato do roraimense com parentes ou amigos desses estados, momento em que as pessoas dessa localidade identificam alguns traços linguísticos se apresentam como característicos do falar roraimense.

No geral, as associações diatópicas são por proximidade ou por distanciamento dialetal. Nesse último grupo, os comentaristas citam explicitamente estados (alguns citam só o nome da região ou da cidade) com os quais o falar roraimense não se assemelha, como os do Sul (RS), do Sudeste (SP, RJ e MG), do Norte (AM) e do Nordeste (RN e PB). No grupo da proximidade dialetal, os comentaristas dizem que o falar roraimense é uma junção do nordeste e do sul; sofreu modificações com a chegada de migrantes a Roraima; é igual ao nordestino; é uma grande mistura dos outros estados. Essa informação confirma o pressuposto de que a percepção de diferenças dialetais é mais saliente quando o distanciamento geográfico implica distanciamento linguístico: quanto mais próximos geograficamente, os dialetos são mais inteligíveis e apresentam mais afinidades estruturais, sendo válido também o inverso, quanto mais distantes menos afinidades e, portanto, mais salientes (Britain, 2018).

CONCLUSÃO

O presente artigo discute um tópico relevante para a agenda de pesquisa sobre o português de Roraima. O trabalho em questão analisa evidências sociais com vistas a responder à pergunta se os roraimenses possuem sotaque e, ainda, quais são as pistas linguísticas que são elencadas como caracterizadoras da variedade dialetal da região. Os resultados mostram que os usuários da página indicaram majoritariamente que os moradores de Roraima possuem sotaque, justificando que isso fica muito saliente quando os referidos moradores da região entram em contato com outras variedades dialetais.

Em vários comentários, o dialeto de Roraima é apontado como fruto de outro dialeto ou da mistura entre outras variedades, o que converge para a história e constituição de Roraima. De modo geral, os usuários avaliam que o falar roraimense se aproxima muito dos falares nordestino e nortista, e se distancia muito dos falares sulistas (Sul e Sudeste), o que confirma a hipótese de que o falar roraimense resulta da acomodação entre quatro principais matrizes dialetais: a amazonense, a paraense, a cearense e a maranhense.

Essas reflexões reforçam, então, a importância de compreender não apenas como os falantes de Roraima efetivamente falam por meio de estudos de produção sociolinguística, bem como incluir como os falantes acreditam que falam e quais são suas reações subjetivas gerais sobre o próprio modo de falar. Afinal, o grau de pertencimento à região pode influir, de alguma forma, na produção das variantes linguísticas dos roraimenses. Este aspecto fica claro no webcomentário da figura 4 em que é informado que o Roraimense natural: pais e mães nascidos em Roraima não “chiam”, ou seja, não falam “chiando” algumas palavras.

A referida pesquisa também busca os significados sociais que estão relacionados ao imaginário dos falantes e que estão sendo associados ao falar da região. Na nuvem de palavras elaborada sobre os significados, estão dimensões prosódicas do tipo: rítmico e cantado foi frequente, além da ideia de simplicidade de fala. As páginas do Instagram, além de outras redes sociais e websites, são ferramentas ricas para estudos sobre avalia-

ção subjetiva e percepção sociolinguística, dado que esse é um *lócus* em que as memórias e experiências de seus seguidores são ativadas e compartilhadas de forma instantâneas e com pouco monitoramento.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, P. J. P.; BENTES, T. Contatos linguísticos e bilinguismo uni e bimodal entre a Libras e a LSV em Roraima. **Letra Magna**, Cubatão, v. 14, p. 585-597, 2018.
- BALESTERO, M. S.; CLEMPI, C. B.; COSTA, D. S. Processos de Formação de Neologismos no Instagram. **Revista da ANPOLL**, v. 51, n. 1, p. 83-95, 2020. DOI: <https://doi.org/10.18309/anp.v51i1.1230>
- BERLINCK, R. A.; BRANDAO, S. M. ; SENE, M. G. . Desafios e caminhos na compreensão da variação sintática: design de um teste de percepção. In: CARVALHO, C. S.; LOPES, N. S.; RODRIGUES, A. (Org.). **Sociolinguística e Funcionalismo: vertentes e interfaces**. Salvador: EDUNEB, 2020. p. 23-52.
- BRANDÃO, S. M.; BIAZOLLI, C. C.; DE SENE, M. G.. Preconceito linguístico dentro e fora da rede: o projeto, a construção dos corpora e os resultados preliminares. **Revista Falange Miúda**, Garanhuns, v. 5, n. 2, p. 222-243, 2020.
- BRITAIN, D. Dialect Contact and New Dialect Formation. In: BOBERG, C. *et al.* **The Handbook of Dialectology**. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, 2018.
- CALVET, L-J. **Sociolinguística, uma introdução crítica**. Trad. Marcos Marcionílio. São Paulo: Parábola, 2002.
- CRUZ, N.; PROCÓPIO, E. Léxico roraimense nas redes sociais. **Revista Falange Miúda**, Garanhuns, v. 7, n. 2, p. 37-50, 2023.
- DINIZ, A. M. A. Fluxos Migratórios e Formação da Rede Urbana de Roraima. **Geografia**, Rio Claro, v. 33, p. 269-288, 2008.
- ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. New generalizations and explanations in language and gender research. **Language in Society**, Cambridge, v. 28, n. 2, p. 185–201, 1999.
- ECKERT, P. Variation and the indexical field. **Journal of Sociolinguistics**, Hoboken/NJ, 2008.
- ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual Review of Anthropology**. Palo Alto. 41: 87-100. 2012.
- FREIRE, J. B. **Variação, estilo, atitude e percepção linguística: o caso das laterais /ʎ/ e /l/ no falar paraibano**. João Pessoa: Paraíba, 2016.
- FREITAS, E. O.. Modalidade no gênero webcomentário do jornal O Povo: efeitos de sentido e relação com o mídiu digital. 133f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.
- GAMEIRO, M. B. A variação da concordância verbal na terceira pessoa do plural em redações escolares do ensino fundamental e médio: uma avaliação de fatores linguísticos e sociais. 2009. 222f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2009
- LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola. 2008 [1972].
- LE PAGE, R. Projection, focusing and diffusion. **York Papers in Linguistics**, Heslington/York, v. 9, 1980.
- LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. (2007). Sampling “the New” in New Literacies. In: LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. (Orgs). **A New literacies Sampler: New Literacies and Digital Epistemologies**. New York: Peter Lang, p. 1-25.
- LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.
- MENDES, C. G. S. **O espanhol na paisagem linguística de Boa Vista/RR**. 104f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Roraima, Boa Vista-RR, 2024..
- MENDES, R. B. **Percepção e performance de masculinidades: efeitos da concordância nominal de número e da pronúncia de /e/ nasal**. Tese de Livre Docência. Universidade de São Paulo, 2018.
- MESQUITA, R. ‘Diaria o fixo’: fotografias sociolinguísticas de Boa Vista-Roraima e as novas perspectivas para as

- pesquisas do contato linguístico na fronteira. In: CRUZ, A.; ALEIXO, F. (Org.). **Roraima entre línguas: contatos linguísticos no universo da tríplice fronteira do extremo-norte brasileiro**. Boa Vista: UFRR, 2020. p. 48-78.
- MILROY, L. **Language and social networks**. 2 ed. Oxford: Blackwell, 1987 (1980).
- MONTE, A. **Concordância verbal e variação: um estudo descritivo-comparativo do português brasileiro e do português europeu**. 2012. 171f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2012.
- OUSHIRO, L. **Identidade na Pluralidade Avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. 372f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de São Paulo, 2015.
- PAVEAU, M.-A. **Linguística folk: uma introdução**. Organizado por Roberto Leiser Baronas, Tamires Cristina Bonani Conti e Julia Lourenço Costa. Araraquara: Letraria, 2020
- PROCÓPIO, E. S.. Dicionário de palavras e expressões do português de Roraima. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 81, p. 960-968, 2021.
- PROCÓPIO, E. S.; SILVA, A. C. A.. Oitcenta – empréstimo e variação lexical no português de Roraima. **Revista Falange Miúda**, Garanhuns, vol. 6, n. 2, p. 17-28, 2021.
- PROCÓPIO, E. S.; SILVA, E. O.. Neologismos no Português de Roraima. **Muiraquitã**, Rio Branco, v. 10, n. 2, p. 246-267, 2022.
- RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2009.
- RODRIGUES, A. G. P. **Ramo rê se rai dá certo: o enfraquecimento da fricativa /v/ no falar de Fortaleza**. Fortaleza, 2013. 170f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.
- RUBIO, C. F. **A concordância verbal na língua falada na região noroeste do estado de São Paulo**. 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.
- SANTIAGO, V. A.. **“Eu não falo assim” Produção e percepção sociolinguísticas de estudantes do ensino fundamental e médio**. 2017. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras), Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana-SE, 2017.
- SENE, M. G. **A percepção sociolinguística de gênero e sexualidade: efeitos da duração de /s/ e do pitch médio**. 214f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2022.
- SENE, M. G.; BIAZOLLI, C. C.; BRANDÃO, S. M. “What deeply irritates you”: subjective evaluation and societal evidence of (socio)linguistic phenomena. In: MASSINI-CAGLIARI, G.; BERLINCK, R. A.; RODRIGUES, A. T. C. (Org.). **Understanding Linguistic Prejudice: Critical Approaches to Language Diversity in Brazil**. São Paulo: UNESP / Berlim: Springer. 2023.
- SENE, M. G. de. “Bunitim demais da conta”: crenças e atitudes linguísticas sobre o “falar mineiro” da região metropolitana de Belo Horizonte . **Tabuleiro de Letras**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 242–259, 2023. DOI: 10.35499/tl.v17i1.16937. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/16937>. Acesso em: 1 abr. 2024
- SILVERSTEIN, M. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. **Language & Communication**, Amsterdã, n. 23, p. 193-229. 2003.
- VIEIRA, S. R. **Variação em dialetos populares do norte-fluminense**. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.
- ZIEMATH, R. A. R. **Engajamento de consumidores em redes sociais e sua implicação para a construção de marcas**. 2012. 40f. Relatório de Pesquisa (Programa de Iniciação Científica), Fundação Getúlio Vargas, São Paulo-SP, 2012.